

ESTRUTURA ESCALAR EM CLASSES ACIONAIS - AS PROPRIEDADES ASPECTUAIS VISÍVEIS PARA A GRAMÁTICA

SCALE STRUCTURE IN ACTIONAL CLASSES - ASPECTUAL PROPERTIES READ BY GRAMMAR

Ana Paula Quadros Gomes*
anaquadros@letras.ufrj.br

Ana Carla do Nascimento Gomes**
acnascimento@letras.ufrj.br

Bruno de Souza Medeiros***
brunomedeiros@letras.ufrj.br

Empregamos os fatos sobre o licenciamento de *pouco*, *muito*, *bastante* e *bem* (de maneira) em sintagmas verbais como ferramenta para identificar as dimensões de evento escalares projetadas pelas classes de Vendler (1957), cuja validade os fatos atestam. Adotamos, na linha da semântica formal, a teoria de graus de Kennedy e McNally (2005), e o Princípio da Economia Interpretativa (Kennedy 2007) para tratar da distribuição e interpretação desses advérbios modificadores de graus. Defendemos que *pouco*, *muito* e *bastante* selecionam semanticamente dimensões quantitativas de escala aberta, o que explica sua agramaticalidade com *accomplishments* e *achievements*, enquanto *bem* (de maneira) seleciona dimensões qualitativas, apresentando um comportamento peculiar com *achievements*.

Palavras-chave: Dimensões aspectuais graduais de eventos. Semântica formal. Classes acionais. Modificadores de grau.

We employ the facts concerning the licensing of *pouco*, *muito*, *bastante* and *bem* (with a manner interpretation) in verbal phrases as a tool to identify the scalar event dimensions projected by the actional classes of Vendler (1957), which the facts validate. We adopt, in line with formal semantics, a degree approach (Kennedy & McNally 2005), and the Principle of Interpretative Economy (Kennedy 2007), in order to deal with the distribution and interpretation of degree modifiers. We explain the ungrammaticality of *pouco*, *muito* and *bastante* with accomplishments and achievements arguing that they semantically select open-scale quantitative dimensions. *Bem* selects qualitative dimensions, showing a peculiar behavior with achievements.

Keywords: Aspectual gradable dimensions of events. Formal semantics. Actional classes. Degree modifiers.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: 0000-0002-3476-0193

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: 0000-0002-2617-7811

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: 0000-0002-2617-7811

1. Introdução

O artigo seminal de Vendler (1957) estabeleceu os fundamentos do aspecto lexical, separando os sintagmas verbais em quatro classes semânticas: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Para chegar a tal classificação, Vendler tomou como evidência empírica a distribuição de modificadores pelos predicados verbais. Hoje são práticas disseminadas na literatura sobre aspecto lexical os testes de combinação com *por tanto tempo*, *durante tanto tempo* ou *em quanto tempo*, para identificar predicados verbais respectivamente atélicos ou télicos, e com *às tantas horas*, para identificar predicados verbais instantâneos. Faz 60 anos que os modificadores são utilizados como uma ferramenta para acessar distintas propriedades de eventos. Muito mais antiga é a pesquisa pela identificação dos traços aspectuais relevantes para a interface sintaxe-semântica.¹

Tradicionalmente, as quatro classes acionais são derivadas da valoração positiva ou negativa de dois traços, [\pm fases, \pm telicidade]. Essas noções remetem, respectivamente, à homogeneidade presente em estados e atividades e ausente em *accomplishments* e *achievements*, e à culminância inerente a estas duas últimas classes, mas ausente das demais. Tal classificação por traços binários se revela problemática frente às novas classes acionais (Beavers 2008; Dowty 1979; Hay, Kennedy & Levin 1999; Rothstein 2008b; Smith 1991). Rothstein (2008b) acrescenta às classes de Vendler duas outras: a dos semelfactivos, como *saltitar* e *bater à porta*, que são pontuais, mas potencialmente iterativos, levando à pluralidade de episódios²; e a dos *degree achievements*, como *esquentar*, *crescer*, etc., que são caracterizados por permitirem duas leituras, uma em que o grau almejado é atingido (leitura de escala fechada no grau máximo) e outra em que há uma mudança qualquer no grau exibido pelo argumento afetado (leitura de escala aberta). Semelfactivos, dado serem predicados verbais atélicos, integram escalas abertas, quer se trate de uma ocorrência isolada, como em “Alguém bateu à porta”, quer se trate de uma sucessão de ocorrências pontuais, como em “Simone saltitava de alegria”, pois não é

¹ Primeiramente, queremos registrar um agradecimento muito especial aos pareceristas anônimos designados, por sua atenta leitura e pelos inúmeros comentários, que resultaram em valiosas contribuições a este artigo; sem essa preciosa parceria, não teríamos chegado até aqui. Em segundo lugar, avisamos que, a esta altura, optamos por apresentar a questão de maneira simplificada, sem, contudo, haver a pretensão de esgotar o assunto. Falamos apenas de Vendler, não obstante haja vasta pesquisa posterior a ele, e de enorme importância, sobre as classes acionais, como os trabalhos de Moens (1987), Krifka (1998) e Verkuyl (1993, 1999), entre tantos mais.

² A definição e o tratamento dos semelfactivos está longe de ser uma unanimidade entre os linguistas. Um episódio de *saltitar* requer diversos saltos, enquanto um de *bater à porta* pode ter uma só batida. Há quem defenda que os semelfactivos englobam os dois tipos de situação, a de múltiplos episódios e a de episódio único (Comrie 1976). As línguas eslavas apresentam um sufixo que indica um único evento (Smith 1991). Smith (1991) privilegia episódios unitários, analisando os semelfactivos como tendo propriedades em comum com os *achievements*, mas distinguindo-se destes por não serem télicos. Dini e Bertinetto (2006) propõem a divisão dos semelfactivos entre eventivos e estativos, embora sejam todos pontuais. Já Rothstein (2004, 2008) considera a leitura de múltiplos eventos para os semelfactivos, analisando-os como diferindo de atividades somente pelo fato de apresentarem um conjunto mínimo de entidades atômicas lexicalmente acessíveis. Neste ponto, por estarmos apresentando a visão de Rothstein, não fazemos distinção entre *saltitar* e *bater à porta*.

possível determinar o número máximo de saltos a que o predicado verbal se refere. Os *degree achievements* nunca são *achievements*, nem na leitura em que o grau máximo é alcançado, quando se parecem mais com *accomplishments* de movimento, pois apresentam um Path; na outra leitura, são como atividades.

A semântica formal vem há tempos investigando a seleção semântica (s-seleção) praticada por modificadores; um exemplo é a famosa especialização de *much* (inglês) *muito* e a de *many* (inglês) ‘muitos’. Embora categorialmente ambos operem sobre nomes (não diferindo quanto à seleção categorial, portanto), *much* é agramatical com nomes contáveis (**much people, much salt*) e *many* é agramatical com massivos (*many people, *many salt*). Mais recentemente, Kennedy e McNally (2005) propõem nova classificação semântica para os adjetivos, com base na distribuição dos modificadores do inglês *much, very* e *well*. O artigo mostra que, apesar de aparentemente terem o mesmo comportamento sintático e semântico, esses modificadores estão em distribuição complementar em termos dos adjetivos com que são licenciados, complementaridade essa que é explicada pela semântica de graus: cada modificador de grau (esses advérbios modificam apenas adjetivos graduais como *limpo*, mas não adjetivos sem grau como *bibliográfico*, tal como se verifica com *muito, bastante* e *bem* em português) s-seleciona uma estrutura escalar distintiva entre os adjetivos. Os autores afirmam que:

[a] gradação é uma característica não apenas de adjetivos, mas também de verbos e nomes, e (...) certas propriedades de escalas são comuns a expressões categorialmente distintas [...]. (Kennedy & McNally 2005, p. 345)

Assumindo com esses autores que sintagmas verbais podem estar ligados a escalas, examinaremos os fatos sobre o licenciamento de diversos modificadores de grau que também modificam sintagmas verbais, explicando-os como uma consequência da especialização do modificador em certa estrutura escalar.

Fleischhauer (2016) nos lembra de que a escalaridade verbal é bastante mais complexa que a adjetival, visto que verbos não lexicalizam escalas diretamente, como ocorre com os adjetivos. Há variadas fontes de escalaridade para os sintagmas verbais: alguns verbos são sim lexicalmente graduais, como os derivados de adjetivos de grau, dos quais herdam sua escala, tais como *secar, esvaziar*, etc.; outros, tais como verbos de emissão, por exemplo, *pingar, escorrer*, são graduais não por trazerem uma escala interna lexical, mas em virtude da concepção semântica da eventualidade que denotam; há ainda os verbos de experiência, que denotam sentimentos ou sensações em graus de intensidade, como *apreciar, temer*, etc. Todos esses serão sempre licenciados em combinação com modificadores de grau:

(1)

- a. Nossa! Esfriou muito esta noite!
- b. Esse abajur ilumina bem a sala!

c. João gosta bastante de doces.

Deixaremos inteiramente de lado neste artigo os sintagmas verbais exemplificados em 1. Nosso interesse recai justamente sobre aqueles que não são intrinsecamente intensificáveis, pois temos como objetivo identificar as escalas associadas às dimensões aspectuais, àquelas propriedades de eventos distintas de classes acionais. A nosso ver, assim como a quantidade (em cardinalidade e volume) é uma dimensão gradual de indivíduos denotados por sintagmas nominais como *carros* e *água*, (*muitos carros* = numerosos; *muita água* = grande volume) que, de outra forma, não são lexicalmente intensificáveis, diferentemente de *dor* (*muita dor* = dor intensa), há dimensões aspectuais graduais ligadas aos eventos quando o verbo não é escalar, nem inerentemente nem por conta da concepção da eventualidade denotada. Assumimos com Fleischhauer (2016) que há escalas associadas a sintagmas verbais independentemente da noção de mudança de estado ou de progressão para a culminância. Assumimos também com a autora que escalas no domínio verbal interagem com o aspecto lexical e com o gramatical. Há então duas naturezas gerais, opostas, de escalas: as de quantidade e as de qualidade. O foco deste artigo é a estrutura daquelas escalas associadas a propriedades aspectuais. Essa opção se deve ao fato de termos como objetivo identificar escalas relacionadas a classes acionais, sobre as quais os modificadores de grau operam.

Segundo Kennedy e McNally (2005), escalas são um conjunto de graus ordenados em ordem crescente de grandeza, começando no valor zero e indo até o infinito; os graus estão ordenados ao longo de uma dimensão — por exemplo, a dimensão relevante para o adjetivo *bonito* é a da beleza. Há quatro possibilidades lógicas para a estrutura das escalas: aberta, fechada apenas na ponta superior, fechada apenas na ponta inferior ou fechada nas duas pontas. Por *fechada* entende-se que, naquele lado da reta, já há um ponto final, ou seja, há um determinado grau aquém ou além do qual não se pode ir. Os esquemas na Figura 1 ilustram as estruturas escalares possíveis:

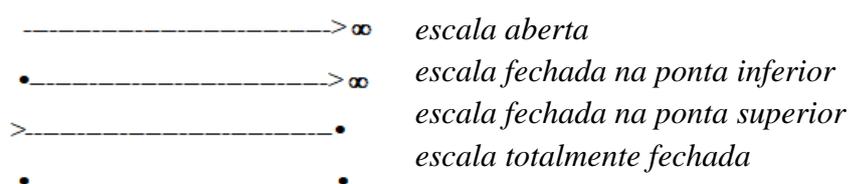


Figura 1. "Tipos de escala".

Mas escalas não estão restritas ao domínio adjetival, nem são sempre lexicais. No domínio verbal, há também escalas lexicalmente inerentes, como as de deadjetivais, verbos que herdam as estruturas de escalas dos adjetivos de que provêm. Por exemplo, sendo *seco* e *cheio* adjetivos com escalas fechadas no grau máximo, os verbos *secar* e *encher* também o são. Além de verbos que lexicalizam escalas, como *secar*, Fleischhauer (2016) inclui na classe dos de gradação inerente, com escala de intensidade (*degree gradation*), os verbos ditos de experiência ou psicológicos, que denotam sentimentos ou sensações mensuráveis em graus e intensificáveis, como *gostar*. Mas a escalaridade verbal não se limita à gradação inerente. Fleischhauer (2016) introduz o conceito de “gradação estendida” (*extended gradation*), em que a origem da escala é a conceptualização do evento que vem descrito

pela expressão verbal. A gradação estendida inclui verbos de emissão cumulativa de substância, como *iluminar* (pode-se lançar mais ou menos luz sobre certo ambiente); e verbos incrementais, como *escrever*, em *escrever uma carta*, em que a carta vai gradualmente ficando pronta à medida em que a eventualidade se aproxima de sua culminância, e vice-versa: quanto mais partes da carta estiverem prontas, mais perto de terminar de escrever a carta estará seu autor. Todas as escalas verbais já mencionadas, tanto as inerentes quanto as estendidas, são escalas de qualidade, por envolverem intensificação de propriedades qualificadoras da eventualidade descrita, que compõem seu sentido, sendo indissociáveis dos sintagmas verbais empregados. Antes de abordarmos as escalas verbais de quantidade, cabe mostrar como se distinguem conceitualmente as escalas qualitativas das quantitativas, no quadro teórico adotado.

Segundo Kennedy e McNally (2005), escalas são trípticos $\langle S, R, \delta \rangle$, em que S é um conjunto de graus, R é uma relação de ordem aplicada a S e δ representa a dimensão medida. As escalas podem variar quanto à estrutura (há abertas e fechadas), quanto à direção do ordenamento (crescente, como em *alto*, ou decrescente, como em *baixo*, para a propriedade da altura), e dimensão (temperatura, extensão espacial, extensão, etc.) Escalas de quantidade se distinguem estruturalmente de escalas de qualidade apenas num ponto: as grandezas de escalas de quantidade são sempre crescentes, de modo que essas escalas não variam quanto à relação de ordem aplicada. Vale ressaltar que essa diferença formal vale para escalas resultantes da medição de uma dimensão quantitativa como *cardinalidade*, não se aplicando a construções comparativas completas, que, essas sim, mesmo sendo de quantidade, vão nos dois sentidos, de superioridade ou inferioridade: “João tem mais/menos livros que Ana”. Mas é importante ter em mente a diferença formal entre escalas de quantidade e de qualidade, primeiramente porque escalas estão presentes também na semântica de diversos outros tipos de construção sintática, envolvendo graus de variadas propriedades de indivíduos. E também, o que não é menos importante, porque elas se aplicam às escalas aspectuais de que trataremos.

Indivíduos como os denotados por nominais (pessoas, livros, açúcar, vinho, etc.) apresentam diversas dimensões de qualidade (para pessoas: altura, índole, inteligência, simpatia, beleza, etc.); as dimensões de qualidades graduáveis são lexicalizadas por adjetivos escalares (*alto*, *sincero*, *inteligente*, *bonito*, etc.), que podem ser intensificados (*muito alto*, *muito sincero*) e aparecem em construções positivas, como “Maria é sincera”. Esses mesmos indivíduos podem estar presentes nas situações isolados ou agrupados, em diferentes quantidades. Como quantidades são grandezas ordenadas em ordem crescente, elas também são escalares; a quantidade desse tipo de indivíduos pode ser medida em duas dimensões distintas: cardinalidade (“havia 75 pessoas na reunião”) ou volume (“ela despejou um tanto assim de açúcar no café”). Essas medições informam o grau equivalente ao tanto máximo de indivíduos ou substâncias em determinada situação, por isso expressões de medida de cardinalidade ou de volume, como *aquelas 75 pessoas* ou *uma chávena de açúcar* não encontram correspondência em expressões que percorram a mesma escala em direção inversa. Ou seja, essas escalas de quantidade não variam quanto à relação de ordem; mas variam quanto à dimensão (por exemplo, cardinalidade ou volume).

Os eventos denotados pelos sintagmas verbais também são tidos como indivíduos, desde Davidson (1969), por mais que sejam indivíduos peculiares, com dimensões bem distintas das associadas às pessoas, objetos e substâncias. A concepção da natureza de certo evento é uma propriedade qualitativa e pode ser ou não escalar. Por exemplo, é intuitivo que gostar de alguém e adorar alguém estão numa escala de *apreciação*, em ordenação crescente. Podemos encontrar antônimos para esses sintagmas verbais, que também marcam graus na mesma escala, a da apreciação, mas na ordem inversa: desgostar de alguém e odiar alguém. Essas são escalas de qualidade. Um teste para saber se a propriedade em questão é escalar é colocá-la em uma construção comparativa: examinando “Maria gosta mais de chocolate que de queijo” e * “Maria existe mais que Pedro” concluímos que *gostar* é um tipo de eventualidade escalar, mas *existir* não. Além de sintagmas verbais que expressam sentimentos ou sensações graduáveis, os de emissão de substância (*iluminar, gotejar, sangrar*) e os derivados de adjetivos de grau (*esfriar, esvaziar*) também têm leitura escalar de qualidade. Como diz Fleischhauer:

um verbo será escalar, gradual, se trazer uma escala lexical ou alternativamente, se o conceito associado ao evento descrito por ele, em conjunto com seu componente lexical, licenciar uma escala. (Fleischhauer 2016, p. 176)

Verbos assim admitem intensificação, e seu tipo de escala é de qualidade. Quais são as escalas de quantidade associadas aos sintagmas verbais, então? Um candidato óbvio é a cardinalidade de episódios, visto que também podemos contar eventos culminados da mesma natureza, situados em certo intervalo de tempo, como em “hoje fui ao supermercado três vezes”. Há também outras propriedades de eventualidades que aceitam medição em graus, e constituem por isso escalas de quantidade. Essas propriedades são aspectuais, e são disponibilizadas por determinadas classes acionais. Um evento, afinal, é uma situação localizada numa coordenada espaço-temporal.

O tempo linguístico é uma dimensão de eventos compatível com a definição de escala adotada, pois os instantes estão ordenados de forma crescente e incremental: quanto maior a distância entre o ponto inicial e o final do segmento temporal, mais longo será o intervalo de tempo. Assim sendo, certas dimensões de base temporal, eminentemente aspectuais, apresentarão alguma das estruturas escalares acima. Por exemplo, uma escala de quantidade acessível para um modificador de graus como *muito* é a que projeta uma pluralidade de eventos (resultando numa leitura de frequência ou iteratividade para aquele sintagma verbal), é uma dimensão aspectual caracterizada pela presença de diversos episódios distintos de um mesmo tipo de evento (ou átomos identificáveis como componentes mínimos de atividades, na análise de Rothstein (2008a), repetindo-se de forma relativamente regular, com periodicidade mais ou menos definida, dentro de um intervalo de tempo indeterminado, ou se acumulando de forma irregular dentro de intervalos de tempo determinados. De uma ou de outra forma, não conseguimos estabelecer o número exato ou máximo de episódios de que tratam os exemplos a seguir:

(2)

a. Maria vai à praia todo domingo.

- b. Maria foi regularmente à praia no último verão.
- c. Maria raramente vai à praia.

Uma pluralidade de episódios sem uma cardinalidade definida é uma dimensão aspectual de escala aberta. Os episódios são distribuídos por um período de tempo indeterminado (“Maria vai à praia duas vezes por semana” – não sabemos de quantas semanas estamos falando), ou irregularmente repetidos no espaço de um recorte temporal muito bem definido (“Maria foi bastante à praia no verão de 1999”). Especificamente no que tange a operações efetivadas por modificadores de grau sobre dimensões escalares quantitativas, visto que cada episódio precisa culminar para que o próximo seja iniciado, a fim de se obter uma sequência deles, essa leitura de pluralidade de episódios da mesma natureza ao longo de um intervalo temporal é encontrada somente em atividades, *accomplishments* e *achievements*. Os estados não culminam, não podendo por isso ser pluralizados.

A telicidade é a propriedade interna aos eventos mais discutida na literatura; segundo Vendler, estados e atividades não apresentam pontos de culminância (nada no significado intrínseco a *ser feliz* determina um ponto no tempo a partir do qual a felicidade tem de terminar, bem como nada no significado inerente a *dormir* determina que não se possa continuar dormindo de certo ponto em diante). Já *accomplishments* e *achievements* são télicos, por sua própria natureza: não é possível continuar a comer a mesma pizza quando todas as fatias já foram consumidas, nem é possível estender o momento de vencer uma corrida depois de ter cruzado a linha de chegada. A telicidade gera uma dimensão aspectual de escala fechada, pois a culminância marca um grau máximo, a partir do qual não é possível dar prosseguimento ao evento. Tanto *accomplishments* quanto *achievements* apresentam essa escala fechada nas duas pontas; as atividades são escalas fechadas numa única ponta, pois há um ponto inicial a partir do qual a atividade se estende por certo intervalo de tempo, mas sem previsão de culminância; já os estados apresentam escalas abertas, uma vez que, de ordinário, não há um momento de mudança de estado que coloque a eventualidade em situação de continuidade inaugurada.

Tradicionalmente, diz-se que a duração só não é encontrada em *achievements*, que são instantâneos. Têm-se os estados como durativos. Segundo Kratzer (1989), alguns, os *Individual Level*, duram eternamente (“Peixes vivem na água”); outros, os *Stage Level*, têm duração limitada (“João está sentado”). Há diversos critérios para a subdivisão de estados, e vasta literatura a esse respeito, e não temos a pretensão de esgotar o tema. Vamos nos ater apenas às operações de modificadores de grau sobre as escalas quantitativas projetadas por classes acionais. Naturalmente, existem outras operações semânticas de modificação, que produzem resultados outros, mas não trataremos delas. Ou seja, pedimos que aquilo que aqui é dito não seja tomado como tendo sido proposto para todas as operações possíveis sobre estados, e sim apenas como concernente às leituras aspectuais geradas pela modificação de graus. Em termos de escala, assim como o valor da distância física percorrida, em termos de metros ou quilômetros, é a medida do trajeto compreendido entre o ponto de partida e o destino, a dimensão aspectual da duração de uma eventualidade é a

medição em tempo do intervalo compreendido entre o começo e o término dessa eventualidade. Sobre a dimensão aspectual da duração na qual os modificadores de grau atuam, convém notar que ela se combina a outra propriedade de eventos, a telicidade. Em estados, a duração, em termos escalares, não pode ser medida, por conta de não haver nada intrínseco à natureza de um estado que determine um momento inaugural e uma culminância. Em atividades, porém, uma vez que há um ponto inaugural, uma interrupção claramente demarcada pode medir a duração do episódio. Por exemplo, se eu peguei no sono às 14h e despertei às 15h30, eu dormi por uma hora e meia, ou seja, pelo tempo medido do intervalo entre o momento inicial e o terminal do evento. Uma vez que a semântica de uma atividade não define uma culminância, a duração medida de uma atividade é uma propriedade aspectual de escala aberta.³

Entendendo por duração a medida entre o princípio e o término de um episódio, então todo *accomplishment* tem duração. A preparação de um bolo de cenoura dura um tempo determinado, tanto que a receita traz o aviso “tempo de preparo: 2h”. Porém, diferentemente do que ocorre com as atividades, a duração dos *accomplishments* é uma escala fechada, dado que eventualidades do tipo de fazer um bolo trazem em seu próprio bojo a impossibilidade de estender ao bel-prazer o tempo do episódio, visto que não se pode continuar a preparar algo depois de pronto. As escalas fechadas apresentam grau máximo. Portanto, as escalas aspectuais, *vd.* Tabela 1, são:

Tabela 1. Dimensões aspectuais graduais por tipos de escala.

	Frequência	Duração	Progressão para a culminância
estados	não apresenta	geralmente não é medida	não apresenta
atividades	escala aberta	escala aberta	não apresenta
<i>accomplishments</i>	escala aberta	escala totalmente fechada	escala totalmente fechada
<i>achievements</i>	escala aberta	não apresenta	escala totalmente fechada

Defendemos que o componente gramatical pode *ler* certas dimensões aspectuais que se estruturam como escalas. A *frequência* (aqui entendida ingenuamente como a interpretação de uma eventualidade ocorrida múltiplas vezes ao longo de um período de tempo) é sempre uma escala aberta. A duração não pode ser medida por modificadores de grau em estados, mas é uma escala aberta para as atividades e uma escala fechada para *accomplishments*. Já a dimensão da progressão para a culminância só é encontrada em eventualidades télicas, e constitui uma escala fechada.

³ Há modos de recortar a duração de um estado, como utilizando dois marcos temporais explícitos (“Maria viveu nesta casa de 1987 a 1998”), delimitando-o por meio de episódios específicos (“Pedro foi feliz do dia em que nasceu ao dia em que morreu.”), usando como medida a extensão de um episódio culminado (“João foi honesto enquanto viveu – e João viveu 58 anos.”), ou pelo uso de expressões de medida como *por x tempo*, *durante x tempo*, como em “A Maria esteve na Austrália durante uma semana” ou “A Ana foi atenciosa com o cliente por cinco minutos, até se irritar com ele” (agradecemos a um parecerista anônimo pelos dois últimos exemplos). Crucialmente, mesmo quando tais estratégias são empregadas, a inserção de um modificador de graus não é compatível com leituras de duração medida. Por exemplo “A Maria esteve muito na Austrália durante uma semana” perde a leitura de que Maria permaneceu na Austrália por uma semana contínua, disponível na versão em que *muito* estava ausente.

Estados não ensejam episódios individuados, o que os torna inaptos para a interpretação de frequência sob modificação de graus, resistem à medição de duração e não culminam. Isso torna essa classe acional inacessível para modificadores de grau que atuem sobre escalas quantitativas. Espera-se, portanto, que não haja nenhuma interação entre propriedades aspectuais de estados e advérbios como *muito*, *pouco* e *bastante*. *Bem* é a exceção que confirma a regra: *bem* de maneira atua sobre escalas qualitativas, e não conta para os nossos propósitos, pois não depende de dimensões aspectuais, que são quantitativas; já a leitura de grau de *bem* é sim resultado de uma operação sobre escala quantitativa, e não ocorrerá com estados. Apenas as classes aspectuais com momento inicial definido (as de mudança de estado) são acessíveis para a modificação de grau.

A previsão é de que haja leituras de frequência com atividades, com *accomplishments* e *achievements* (desde que o modificador selecione escalas abertas). As atividades só disponibilizam escalas abertas, o que determina que só possam ser modificadas por modificadores de grau que s-selecionam essa estrutura de escala, como *muito*, *pouco* e *bastante*. *Accomplishments* permitirão exclusivamente leituras de frequência com *muito*, *pouco* e *bastante*.

A associação entre escalas e estruturas de eventos não é nova. Hay *et al.* (1999) usam graus para o tratamento de todas as eventualidades de tema incremental, seja com verbos de movimento (“João correu até a porta de casa”), *accomplishments* com complemento quantizado (“Pedro comeu uma pizza inteira”) ou os resultativos do inglês (*John scrubbed the sink (clean)*). Hay *et al.* (1999) trataram os *degree achievements* como escalas que podem ou não atingir um grau máximo. Para tratar da modificação de SVs por modificadores de grau como *half*, ‘parcialmente’, e *completely*, ‘completamente’, Caudal e Nicolas (2005) introduzem um grau como argumento de diversos verbos, mas não de todos. Piñón (2007) faz uma análise de composição aspectual em termos de gradabilidade, para tratar de verbos incrementais. Beavers (2008) propõe um tratamento escalar para os *degree achievements*, tratando a eventualidade expressa por eles como uma relação entre três elementos: a eventualidade, uma escala e o tema que sofre a mudança de estado. Beavers associa cada classe acional a um tipo de escala (simples ou complexa), mas sua classificação leva em conta apenas o dinamismo, a telicidade, ou, em nossos termos, a progressão para a culminância. No entanto, o interesse em escalas geralmente tem estado restrito ao atingimento gradual da culminância, para explicar a telicidade. Os dados mais discutidos são semelhantes aos seguintes:

(3)

- a. João esquentou a água. (*ambíguo: a água pode estar alguns graus mais quente que antes ou ter atingido o estado de fervura desejado*)
- b. João esquentou muito/ pouco/ bastante/ bem a água. (não é mais ambíguo: só leitura de atividade, atélica, sem grau alvo atingido)
- c. João esquentou a água o suficiente para fazer chá. (só leitura télica)

Interessantemente, a presença de um modificador de graus de escala quantitativa num sintagma verbal de *degree accomplishment* elimina uma das leituras possíveis para o mesmo SV não-modificado, aquela leitura exemplificada por (3c), em que a água atingiu o grau desejado, o de fervura. Defendemos que o contraste entre (3a), ambígua, e (3b), sentença atélica, é devido à seleção de escalas abertas por parte dos modificadores de grau *muito*, *pouco*, *bastante* e *bem* (com leitura de grau).

Levamos às últimas consequências a ideia de que há dimensões aspectuais escalares, defendendo que somente a seleção semântica de estrutura de escalas explica a distribuição de modificadores de grau que atuam sobre eventos em português. Aproveitando as palavras de Kennedy e McNally:

O fato de que modificadores de grau são sensíveis a esses traços é uma evidência de que eles são componentes relevantes das representações lexicais de expressões graduáveis. [...] Os resultados reforçam a proposta central defendida por Bolinger e Sapir: a de que a escalaridade é uma propriedade semântica fundamental, cuja influência se estende para além dos adjetivos, alcançando outras categorias lexicais. (Kennedy & McNally 2005, p. 348)

Propomos que *muito* toma escalas aspectuais abertas e produz com elas uma comparação de superioridade. Inversamente, *pouco* s-seleciona escalas abertas, modificando-as de modo a produzir comparações de inferioridade. *Bastante* seleciona e produz escalas abertas, enquanto *o bastante*, tal como *o suficiente*, toma escalas abertas e produz, ao modificá-las, escalas fechadas. *Bem* de grau s-seleciona escalas abertas, mantendo-as abertas. *Bem* de maneira não opera sobre escalas aspectuais, mas sim sobre escalas de qualidade, comparando a performance do participante ou a avaliação do falante sobre a(s) eventualidade(s) a um protótipo, a um ideal de boa qualidade, o que produz uma escala fechada (uma comparação de igualdade) de tipo intensional. Nossa abordagem abre uma janela sobre as dimensões semânticas das classes acionais que importam para operações na interface sintaxe-semântica.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na segunda seção, analisamos a distribuição dos modificadores *pouco*, *muito*, *bastante* e *bem* (de maneira) pelas classes acionais; e, na terceira, apresentamos as conclusões a que chegamos após a análise dos dados, bem como discutimos a relevância das dimensões escalares disponibilizadas pelas classes acionais para a interface sintaxe-semântica.

2. O licenciamento de modificadores de grau

Assim como Kennedy e McNally (2005) usaram a distribuição complementar dos modificadores de grau sobre adjetivos participiais para identificar diferenças nas estruturas de escalas em propriedades de indivíduos, usaremos a distribuição dos modificadores de SVs em língua portuguesa para mapear as escalas aspectuais, em dimensões eventivas, e suas diferenças estruturais. Veremos em conjunto os modificadores *muito* e *pouco*, examinando a seguir *bastante* e *bem*, o que desenhará um panorama consistente das dimensões eventivas graduais que têm consequências gramaticais.

2.1. *Muito / pouco*

Os modificadores de grau *muito* e *pouco* operam em direções inversas, nas mesmas escalas. *Muito* produz uma comparação implícita de superioridade e *pouco*, uma comparação implícita de inferioridade. Ambos podem modificar todos os SVs de grau inerente, gerando a leitura de intensidade (“Maria gosta muito/pouco de jiló”), desde que os SVs não marquem o grau extremo, máximo da propriedade (*“Maria detesta muito/pouco jiló”); mas não modificam qualquer SV sem grau inerente. Tanto *pouco* quanto *muito* selecionam dimensões aspectuais de escala aberta, não aceitando as fechadas. As dimensões aspectuais graduais projetadas por sintagmas verbais dependem da classe acional do SV.

A leitura de intensidade será deixada de lado, pois, neste trabalho, buscamos identificar a natureza das escalas relacionadas ao aspecto gramatical (Vendler 1957). Gomes e Delduque (2019), Gomes e Sanchez-Mendes (2015) e Sanchez-Mendes (2015) realizam a transposição de características das escalas de Kennedy e McNally (2005) para as classes acionais de Vendler (1957). Uma escala aberta é a de frequência, produzida por eventualidades dinâmicas, que apresentam mudança de estado, ou seja, atividades culminadas, *accomplishments* e *achievements*:

- (4) Pedro vive (*muito/ *pouco) no litoral hoje.
- (5) Nadei muito/ pouco nessa piscina quando estudava aqui.
- (6) Fiz muito/ pouco a pintura da casa toda eu mesma na juventude.
- (7) Ele ganhou muito/ pouco na loteria nos últimos meses. Desconfiam de fraude.

Como vemos, estados como 4 não projetam a leitura de frequência, daí a inserção do modificador ser estranha. Para os exemplos com atividade, 5, *accomplishment*, 6 e *achievement*, 7, em que a modificação é aceitável, a interpretação gerada é a de recorrência: o evento se repetiu diversas vezes, em número acima do esperado quando o modificador é *muito*, e abaixo da expectativa quando é *pouco*. Não está fixado o total exato de vezes, pois não há grau máximo de quantidade de episódios, daí essa escala ser aberta.

A frequência é uma pluralidade de episódios. As demais dimensões aspectuais são relativas a um episódio unitário. A duratividade é associada na literatura a estados, atividades e *accomplishments*, estando excluídos os *achievements*, que são pontuais. Mas a dimensão de escala aberta que é visível para os modificadores de SVs não é a duratividade, mas a duração (medida), entendendo-se por duração medida o tempo decorrido entre o início e o fim da eventualidade. Sem mudança de estado, não há momento inicial, daí um estado não pode ter sua duração medida por um modificador de graus. Uma atividade tem *onset*, e sua interrupção lhe confere um momento de término, o que permite a medição de sua duração. Os *accomplishments* também têm momento inicial e terminal,

o que os qualificaria para serem modificados quanto à duração medida; entretanto, os *accomplishments* são télicos, e oferecem uma outra dimensão aspectual, que é a progressão para a culminância, uma escala fechada. Entendemos que essa leitura de escala fechada impede a leitura de escala aberta, no caso dos *accomplishments*, invocando o Princípio da Economia (Kennedy 2007). Esse princípio diz que a escala fechada é semanticamente mais econômica que a aberta, por não requerer uma inspeção do contexto para buscar um parâmetro de comparação implícito. Portanto, havendo uma leitura de uma escala fechada e uma de escala aberta para os *accomplishments*, o acesso à escala aberta fica interdito. A partir daí, concluímos que a duração medida só é acessível em atividades:

- (8) Vírus existem (*muito/ *pouco).
- (9) Dormi muito/ pouco esta noite. (*Dormi das 23h30 de ontem às 5h de hoje.*)
- (10) *Escrevi muito/ pouco a carta para minha irmã. (*não significa que levei muito/ pouco tempo escrevendo a carta.*)
- (11) O Flamengo ganhou (*muito/ *pouco) o campeonato.

A sentença 9 pode ser parafraseada como “A duração medida do meu sono foi maior do que eu esperava” (com *muito*) ou como “O intervalo entre o princípio e o fim do episódio de dormir desta noite teve tamanho inferior ao desejado” (no caso de *pouco*).

Uma dimensão escalar bastante discutida na literatura é a progressão para a culminância, acessada por *quase* (“João quase morreu” implica que ele esteve perto disso, mas que não morreu; já “Maria quase fez um artigo sobre isso” é ambíguo entre ela começou, mas falta um pouco para terminar, e, paralelamente, que ela pensou em fazer isso, mas desistiu antes de começar), que só se aplica às classes acionais que culminam, *accomplishments* e *achievements*. Essa escala é fechada. SVs como *accomplishments* e *achievements* não oferecem escalas aspectuais abertas sobre as quais *muito* e *pouco* possam operar, além da de frequência. Para modificações de grau de quantidade, estados não oferecem sequer essa. Por isso, só encontraremos modificações de escalas aspectuais diferentes de frequência por esses operadores com atividades. *Muito* e *pouco* só poderão modificar estados, *accomplishments* e *achievements* com verbos inerentemente graduais.

A sensibilidade de *accomplishments* à natureza do seu complemento já foi bem debatida na literatura (cf. Di Sciullo & Slabakova 2005; Doetjes 1997). Em português, os *accomplishments* requerem tipicamente um complemento sintagma de determinante (SD); se o complemento do mesmo SV for um nome nu, teremos uma atividade. A estrutura sintática do complemento altera a telicidade do SV:

- (12)
- a. Maria escreveu os dois livros. (em um ano/ *por um ano) (*accomplishment*)
- b. Maria escreveu livros. (*em um ano/ por um ano, e depois parou.) (atividade)

Os testes de combinação com *em x tempo* ou *por x tempo* mostram que só a sentença com complemento SD é um predicado télico em 12. A culminância é uma condição *sine qua non* para a projeção de uma escala aspectual fechada. Por só modificarem escalas abertas, *muito* e *pouco* não podem ser inseridos em 12a, mas sim em 12b:

(12')

- a. Maria escreveu (*muito/ *pouco) os dois livros em um ano. (*accomplishment*)
- b. Maria escreveu muito/ pouco livros, mas pouco/ muito panfletos. (atividade)

Os fatos ilustram a seleção semântica de *muito/pouco*, que modificam exclusivamente escalas abertas. No domínio verbal, esses modificadores podem atuar sobre as escalas aspectuais abertas, que são: (i) de frequência, encontrada em pluralidades de episódios temporalmente bem delimitados, que são projetados por atividades, *accomplishments* e *achievements*; e (ii) a de duração medida, projetada por atividades denotando um episódio unitário. Os estados não projetam nenhuma escala aspectual sobre a qual *muito* ou *pouco* possam operar, por isso esses modificadores só são vistos em estados com verbos inerentemente graduais, em leitura intensional (“Ele sabe muito/pouco sobre o assunto”). As classes acionais que culminam, quando o SV denota um episódio unitário, também não projetam escalas aspectuais abertas acessíveis, daí SVs assim não poderem ser modificados por *muito/pouco*. No caso dos *accomplishments*, o acesso à escala de duração medida é obstruído pela projeção da escala fechada, a de progressão para a culminância, em acordo com o Princípio de Economia Interpretativa de Kennedy (2007). Além das tradicionais classes acionais vendlerianas, *pouco* e *muito* operam sobre semelfactivos (“episódios de atividade”, para Smith (1991), ou “eventos dinâmicos, instantâneos e atélicos”, segundo Rothstein (2008), que projetam escalas abertas tais como a de frequência/ iteratividade (pluralidades não-máximas de episódios), e sobre os chamados *degree achievements* (DAs). O interessante dos DAs é sua ambiguidade entre uma leitura de atividade, em que o grau mudou para mais ou para menos, sem atingir um patamar máximo, e uma leitura de *accomplishment*, em que o Path fornecido pela escala é percorrido até que o grau máximo seja atingido. A inserção de *pouco* e *muito* numa sentença com DA elimina a ambiguidade em favor da leitura de escala aberta, a de atividade:

(13)

- a. Ana aqueceu a sopa. (*ambíguo: a sopa ficou alguns graus mais quente – atividade; a sopa atingiu a temperatura almejada - accomplishment*)
- b. Ana aqueceu pouco/ muito a sopa. (só leitura de atividade: a temperatura mudou para um grau mais alto, mas não atingiu um grau máximo)

Tomando como instrumento de investigação a distribuição de modificadores de grau como *muito* e *pouco* por SVs, não só podemos identificar as escalas aspectuais projetadas pelas

classes acionais, como propriedades graduais de eventualidades, mas ainda podemos saber qual é a estrutura de tais escalas, identificando se a escala é aberta ou fechada. O exame da distribuição de *bastante* e *bem* nos dará novos subsídios para o diagnóstico das escalas aspectuais.

2.2. *Bastante*

Demonstraremos a seguir como *bastante* interage com classes acionais de Vendler, quais dimensões aspectuais (frequência, duração medida, progressão para a culminância) dessas categorias ele seleciona para modificar, além de provar a sensibilidade de *bastante* às estruturas de escala aberta correspondente a cada uma dessas dimensões aspectuais, demonstrando ainda a seleção semântica (s-seleção) realizada por esse modificador e o efeito produzido por ele.

Vale lembrar que, assim como existem adjetivos de grau (*alto*, *inteligente*) e sem grau (*brasileiro*, *geográfico*), existem verbos que são lexicalmente de grau (Fleischhauer 2016); com eles, *bastante* sempre combinará, a menos que estes projetem escalas fechadas no grau máximo, onde *bastante*, que seleciona escalas abertas, não é licenciado:

(14)

- a. *Eles **detestam** bastante jaca.
- b. *Ana **adora** bastante o marido.
- c. *Todos **odeiam** bastante o presidente.

No entanto, SVs contendo verbos desprovidos de grau inerente podem apresentar dimensões aspectuais de escala aberta, as quais *bastante* modifica. As dimensões frequência e duração medida são abertas, mas a da progressão para a culminância é fechada. No caso dos verbos de estado que não sejam inerentemente graduais, *bastante* não encontra dimensões para modificar, pois essa classe acional não denota eventualidades com a dimensão da progressão para a culminância (já que não tem culminância), não disponibilizam de per si a escala de duração medida (já que não tem dinamicidade combinada a telicidade, ou mudança de estado, e nem momento inicial) e não disponibilizam a escala aberta de cardinalidade de eventos (sem culminância, não gera multiplicidade vaga de episódios). Observemos os dados a seguir:

(15)

- a. *O dinheiro **está** bastante dentro daquela gaveta agora.
- b. *Paulo **existe** bastante.
- c. *Maria **tem** bastante um cachorro.
- d. *João **sabe** bastante quem é o pai do Pedro.

Se retirarmos o modificador *bastante* dos exemplos em 15, teremos sentenças perfeitas. O que impede a inserção de *bastante* é a ausência de uma escala aberta para esse modificador operar.

Os verbos de atividade, também atélicos, são dinâmicos, e podem ter sua duração medida, uma vez que têm um momento inicial e, com uma interrupção, é possível definir um momento de término: “João nadou/ dormiu/ estudou das 14h às 15h”; a duração medida é uma escala aberta, podendo ser modificada por *bastante*. Além disso, uma vez que um ponto final extrínseco pode ser adicionado a atividades, elas podem receber leitura de frequência, outra escala aberta sobre a qual *bastante* pode operar.

(16)

- a. Pedro nada bastante. (*nada frequentemente/ nada por muito tempo em cada ocasião*)
- b. Lúcia dança bastante. (*dança frequentemente/ dança por muito tempo em cada ocasião*)
- c. João corre bastante. (*corre frequentemente/ corre por muito tempo em cada ocasião*)
- d. Gustavo caminha bastante. (*caminha frequentemente/ caminha por muito tempo em cada ocasião*)

Bastante compara a distância efetiva entre o momento de início e de término de um episódio de atividade com certo padrão (*Dormi bastante* = a duração do meu episódio de sono foi além do que esperava, ou mais longa do que costuma ser); portanto, 16a diz ou que Pedro nada por um tempo prolongado (leitura de duração) ou que Pedro nada frequentemente, várias vezes durante um recorte temporal (leitura de frequência). Perceba que continuamos sem saber quando o evento se inicia e quando ele acaba, ou quantas foram as vezes em que Pedro nadou, mas sabemos que a distância entre o início e o fim do episódio foi longa, o ato de nadar durou bastante; ou sabemos que a quantidade de vezes em que o episódio se repetiu foi grande, apesar de não sabermos seu número exato. Logo, *bastante* modifica as escalas abertas de duração e frequência, ampliando a distância entre o início e o fim de cada episódio, ou ampliando a soma de vezes em que o evento se repete durante determinado lapso temporal; ou seja, *bastante* seleciona escalas abertas, e as mantém abertas após modificá-las.

Para ficar ainda mais clara a seleção semântica de *bastante* por escalas abertas, veremos os exemplos 16 no aspecto perfectivo:

(16')

- a. Pedro nadou bastante ontem. (*Pedro nadou por muito tempo na ocasião*)
- b. Lúcia dançou bastante na festa. (*Lúcia dançou por muito tempo na ocasião*)

- c. João correu bastante ontem. (*João correu por muito tempo ou distância ou em alta velocidade no seu exercício matinal*) (*João teve um dia agitado ontem, foi de um lugar a outro sem parar*)
- d. Gustavo caminhou bastante para chegar até aqui. (*Gustavo caminhou muito tempo dessa vez*)

Perceba que nos exemplos em 16, *bastante* encontrava as escalas abertas de duração medida e de frequência para modificar; agora, em 16', há um único episódio que já foi concluído, e por isso, a leitura de frequência ficou comprometida, restando apenas a leitura de duração, pois é a única escala aberta que *bastante* encontra para modificar.

O oposto ocorre quando definimos um intervalo temporal em que os episódios se situam; neste caso, privilegia-se a escala de frequência – a modificação por *bastante* leva a entender que os episódios se repetem, se multiplicam dentro daquele período determinado:

(16'')

- a. Pedro nada bastante durante as Olimpíadas.
- b. Lúcia dança bastante em eventos.
- c. João corre bastante durante a semana.
- d. Gustavo caminhou bastante nas férias.

Nos dados acima, só podemos fazer uma leitura de frequência. Em 16''a, sabendo que, durante as Olimpíadas, existem várias provas, entendemos que Pedro nada bastante; ou seja, que precisa nadar várias vezes: ele entra na água, percorre os metros exigidos pela prova, a termina, e inicia outra prova, dentro das Olimpíadas.

Outrossim, percebemos, segundo Gomes (2018), que, quando o destino ou o percurso estão expressos, os verbos de movimento tornam-se télicos, porque terão seus fins representados pelo destino/ percurso a ser alcançado.

(17)

- a. *Pedro nadou bastante os 200 metros rasos nas últimas olimpíadas.
- b. *Maria correu bastante dois quilômetros.

Os verbos de movimento culminam quando o Path (percurso) termina. Se Pedro tem de nadar na prova 200m rasos, quando completar essa distância não dá para continuar nadando dentro da mesma distância. Se Maria corre 2km, ao alcançar o limite final desse percurso, se continuar a correr, vai passar de 2km. O ponto de chegada é o grau máximo da dimensão

progressão para a culminância. Essa é uma escala fechada. Por isso, *bastante* não pode modificá-la.

Os eventos télicos são aqueles em que o próprio predicado indica o ponto terminal da eventualidade. Os predicados télicos podem descrever eventos durativos (*accomplishments*) ou pontuais (*achievements*). Os *accomplishments* tipicamente apresentam a construção ou a supressão de seu objeto. Em “O engenheiro construiu a ponte”, sabemos que a construção cessou assim que a ponte ficou pronta. Além disso, os *accomplishments* são processos com subeventos ou fases sequenciais, com duração, uma vez que, para construir uma ponte, por exemplo, é necessário desenhar um projeto, contratar pessoas, comprar material, colocar concreto, etc., até que a ponte seja finalizada. A necessidade de subeventos sequenciais distintos para completar a criação ou destruição do referente de seu complemento resultam na não-homogeneidade interna dos *accomplishments*. Diferentemente das atividades, em que, se Pedro nadou das 8h às 9h, das 8h15 às 8h20 (e em qualquer outro intervalo) ele estava nadando. Aqui, quando olhamos para a construção de uma ponte, uma fase diferente estará em andamento em cada intervalo de tempo. Parece que *bastante* não está licenciado para modificar a classe dos *accomplishments*:

(18)

- a. *A menina comeu bastante o bolo todo.
- b. *O engenheiro construiu bastante a minha casa.
- c. *A artista pintou bastante um quadro.
- d. *Ela bebe bastante uma garrafa de vinho.

As sentenças em 18 são gramaticais sem o modificador *bastante*. Sabemos que, em *accomplishments*, o acesso à dimensão aspectual de duração fica obliterado pela progressão para a culminância, uma escala fechada. Também não é possível a leitura de frequência, uma vez que não é possível comer o mesmo bolo novamente; você pode comer outros, mas aquele não existirá mais no mundo.

Como dito anteriormente, os predicados de *accomplishments* apresentam complementos verbais cuja extensão marca o ponto de culminância do evento. Mas vale ressaltar que, retirado o complemento SD, é possível fazer uma nova leitura desses eventos.

(18')

- a. A menina come bastante.
- b. O engenheiro construiu bastante durante a carreira.
- c. A artista pintou bastante na juventude.

d. Ela bebeu bastante na festa.

A queda do complemento SD transforma o *accomplishment* em atividade, o que permite a leitura de duração medida e frequência (escalas abertas), levando a modificação por *bastante* a ser licenciada.

Os sintagmas verbais de *achievements* são télicos, trazendo um fim predeterminado em si mesmos; além disso, são eventos pontuais, instantâneos, sem duração. Nos *achievements*, os pontos inicial e final coincidem. Por conseguinte, *bastante* não encontra nenhuma dimensão aspectual aberta sobre a qual possa operar. Vejamos:

(19)

- a. *A samambaia morreu bastante.
- b. *Marília chegou bastante.
- c. *Ana casou bastante com João ontem.
- d. *Bolsonaro venceu bastante as eleições do ano retrasado.

Bastante, assim como *muito* e *pouco*, combina-se com atividades, *accomplishments* e *achievements* em leituras de frequência, dimensão que estados não apresentam:

(20)

- a. #A samambaia vive bastante. (não significa que ela vive várias vezes)
- b. Marília vai bastante à praia. (= com alta frequência)
- c. Ana fez bastante o exame da ordem, até ser aprovada. (= diversas vezes)
- d. Putin venceu bastante as eleições para presidente na Rússia. (= em muitos pleitos).

Em resumo, por selecionar semanticamente escalas abertas, *bastante* não pode modificar dimensões aspectuais em estados, combinando-se apenas aos inerentemente graduais; a leitura de frequência é possível com atividades medidas, *accomplishments* e *achievements*; e, quando o SV denotar um episódio unitário, *bastante* não será gramatical nem com *accomplishments* nem *achievements*, mas somente com atividades, porque só com essa classe acional o modificador de grau terá acesso à escala quantitativa que corresponde à dimensão de duração medida. Veremos, a seguir, a distribuição de *bem*.

2.3. Bem

O advérbio *bem* apresenta duas leituras. Alguns testes podem ser usados para identificar cada uma, como o da substituição. Quando pode ser substituído por *mal*, produzindo a

inversão da polaridade, temos *bem* de maneira; ao passo que, quando pode ser substituído por um modificador como *muito*, temos *bem* de grau. Gehrke e Castroviejo (2016) formulam duas paráfrases para identificar cada interpretação: *in a good manner*, para maneira, e *to a good degree*, para grau.

Tescari Neto (2015) mostra que *bem* é sempre linearizado à direita do verbo, como visto em 21. Consequentemente, ambas as leituras são verificadas sem mudança de posição. No exemplo a seguir, *bem* pode se referir tanto à qualidade do que Jorge come quanto à quantidade. No primeiro caso, Jorge seleciona criteriosamente os ingredientes culinários que usa, só ingerindo o que faz bem à saúde, por exemplo. No segundo caso, ele come bastante, bate um prato, etc..

(21) Geralmente, (*bem) Jorge (*bem) come bem.

Portanto, não há diferença sintática visível que justifique postular a existência de dois itens lexicais diferentes com a mesma forma fonética, mas com dois significados distintos. Gehrke e Castroviejo (2016) fazem uma análise de *well* (inglês), *gut* (alemão) e *ben* (catalão), em que defendem que a leitura de grau está relacionada à leitura de maneira. Com isso, surge uma questão importante: como um mesmo item lexical resulta em duas interpretações distintas, uma de modo e outra de grau? Nossa hipótese é de que *bem* seja um modificador de escalas. Escalas de qualidade, geradas pela avaliação do falante sobre a qualidade de certo estado de coisas, e que só estão disponíveis quando há um protótipo de boa qualidade para aquela situação, geram leituras intensificadoras, levando à leitura de maneira. Para gerar leituras de grau, é preciso que o SV seja inerentemente escalar. Propomos que *bem* selecione semanticamente escalas (de qualidade) abertas. Na leitura de maneira, a escala tomada pelo modificador precisa ser aberta, mas *bem* vai produzir como produto da modificação uma escala fechada, uma comparação implícita de igualdade, intensional, em que um estado de coisas relacionado à eventualidade denotada pelo SV é comparado a um padrão de qualidade relevante, ao modelo prototípico desse estado de coisas num mundo possível onde a máxima qualidade é atingida. Na leitura de grau, só possível quando o verbo ou o SV forem inerentemente escalares, *bem* funciona como um *booster*, um ampliador, tal como *muito*: devolve, após a modificação, uma escala aberta, mas em que o grau da propriedade está maior do que estava na escala original. Como fizemos anteriormente, não nos deteremos sobre as leituras derivadas da modificação de SVs inerentemente escalares. Vamos nos concentrar aqui em *bem* de maneira, visto que *bem* de grau depende de traços semânticos ligados à concepção do evento e/ou de o verbo ser intrinsecamente gradual, conforme Fleischhauer (2016): verbos deadjetivais, que lexicalizam escalas, *degree achievements*, verbos ditos de experiência ou psicológicos, ao lado dos verbos de “gradação estendida” (extended gradation), que descrevem eventos conceptualizados como contendo dimensões escalares, como os de emissão de substância.

É importante frisar que, dada sua semântica, *bem* não pode modificar dimensões aspectuais, que são escalas de quantidade, tais como as modificadas por *muito*, *pouco* e *bastante*. Mas, como demonstraremos, as leituras de maneira não deixam de ser afetadas

pelas classes aspectuais com dimensões aspectuais fechadas. Escalas de quantidade não deveriam intervir em escalas de qualidade. Interessantemente, ainda que *bem* com leitura de maneira esteja operando sobre uma escala independente, produzindo uma comparação implícita de qualidade, uma escala aspectual fechada *conversa* com a modificação de maneira produzida. ‘Bem’ não poderá produzir leituras de maneira sobre *achievements* que se mantenham como tais após a modificação. E os produtos da modificação de *accomplishments* por *bem* têm um sabor expressivo, de avaliação do resultado por parte do falante. Portanto, apesar de *bem* de maneira modificar somente escalas de qualidade, o que exclui como objeto de modificação escalas aspectuais, há efeitos das classes aspectuais sobre o licenciamento de *bem* de maneira. Por isso, convém verificar a distribuição de *bem* pelas classes acionais (Vendler 1957), e os fatos distribucionais podem ajudar a compreender como são as escalas projetadas pelas dimensões aspectuais. Visto que *bem* seleciona semanticamente escalas abertas, esperamos encontrar leituras de maneira facilmente nas classes acionais atélicas.

Para que *bem* de maneira possa atuar, é preciso que haja, para a condição ou situação denotada pelo SV, um protótipo, um ideal de boa qualidade recuperável do contexto, ou seja, sancionado pelo conhecimento compartilhado pelos falantes. Essa condição é qualitativa, e não quantitativa. Por isso, ao contrário do que vimos ao examinarmos os modificadores de escalas aspectuais *muito*, *pouco* e *bastante*, estados não são uma classe acional interdita para *bem* de maneira.⁴ Nas sentenças a seguir, *bem* foi inserido em sentenças estativas.⁵

- (22) Gente rica vive bem no Brasil.
- (23) Maria e Pedro se conhecem bem.
- (24) O vermelho combina bem com você.
- (25) Paco fala bem russo.
- (26) A moeda está (*bem) no chão.
- (27) Isabel reside (*bem) na zona norte do Rio de Janeiro.

As sentenças de 22 a 25 demonstram a possibilidade da combinação de *bem* de maneira com alguns estados. O licenciamento da leitura de maneira depende da concepção de uma forma ideal de viver (confortavelmente), 22, 24, de recuperação para intervenções cirúrgicas 23 e de equilíbrio físico e emocional 25. A interpretação das sentenças é que a

⁴ Segundo nossa pesquisa, a leitura de graus não é verificada em sentenças estativas.

⁵ Existem propostas, como a de Katz (1995, 2003), que defendem a incompatibilidade de advérbios de maneira com estados. No entanto, em PB, há evidências para a aceitação de tal combinação. Embora se possa dizer “Espero que tudo esteja bem”, não se pode dizer *“(Seja bem, querida”, apenas “Fique bem, querida”, o que coloca em questão o papel da mudança de estado ou do contraste *individual level* vs. *stage level* no licenciamento de *bem* de maneira. O tema é complexo e pede mais investigação. Entretanto, tais complicações não invalidam nossa proposta.

situação é tão boa quanto pode ser. Por outro lado, a inserção de *bem* em 26 e 27 torna as sentenças agramaticais, porque não há um padrão de qualidade modelo para tais eventualidades.

Do ponto de vista das dimensões aspectuais, percebemos que nada bloqueia *bem* de maneira em estados, mas evidentemente esse modificador não está atuando sobre escalas aspectuais. Estados não apresentam dimensões quantitativas sobre as quais modificadores de escalas aspectuais possam trabalhar, e só podem ser modificados por *bem* de maneira, em suas dimensões qualitativas.

As atividades são as classes acionais que mais disponibilizam escalas abertas de dimensão quantitativa, como mostram os dados com *muito*, *pouco* e *bastante*, em que a modificação gera leituras de duração medida e de frequência. Interessantemente, a modificação de atividades por *bem* de maneira é muito produtiva, como exemplificado abaixo:

- (28) Pedro correu bem/mal ontem.
- (29) O carro anda bem/mal.
- (30) Esse marceneiro trabalha bem/mal.
- (31) Seu time joga bem/mal.
- (32) Esse advogado redige bem/mal.
- (33) Durma bem/mal, meu amigo.

Se a classe acional atividade favorece a leitura de maneira, não é por causa das dimensões aspectuais, mas pelo fato de haver facilmente um patamar prototípico de boa qualidade para os desempenhos dos envolvidos nas eventualidades denotadas pelos SVs. Como as atividades não oferecem uma escala fechada, não há bloqueio de *bem* de maneira, conforme nossas expectativas.

A novidade nos dados de *bem* de maneira, em relação aos modificadores de escala quantificacional, é sua interação com a classe acional dos *accomplishments*. Embora essa classe acional apresente uma dimensão aspectual de escala fechada (progressão para a culminância), *bem* de maneira é regularmente licenciado em *accomplishments*:

- (34) Pollock pintou bem o seu quadro “No. 5”.
- (35) A empreiteira pavimentou bem a estrada.
- (36) Você escreveu bem a primeira carta.

(37) O cozinheiro preparou muito bem o arroz de pato hoje.

Para todas as eventualidades descritas nas sentenças acima, é possível identificar um padrão de qualidade que foi atingido naquelas situações particulares. Além do antônimo *mal*, *direitinho* também poderia substituir *bem* nos exemplos de 34 a 37, mostrando que tudo foi feito conforme determinado padrão de qualidade. A ausência de bloqueio à modificação por *bem* em *accomplishments* deve-se ao fato de escalas de quantidade não intervirem diretamente em escalas de qualidade. As escalas de duração medida (aberta) e progressão para a culminância (fechada) são ambas quantitativas, de modo que o Princípio da Economia Interpretativa impede o acesso à escala aberta em presença da fechada. Mas a escala aberta de avaliação de qualidade sobre a qual *bem* de maneira opera, transformando-a em fechada (comparação de igualdade com um padrão ideal), é de qualidade. Escalas de quantidade não interferem em escalas de qualidade e vice-versa. As escalas aspectuais continuam associadas aos *accomplishments* nos exemplos de 34 a 37: há um intervalo de tempo entre o princípio e o término da eventualidade, composto de fases ou subeventos distintos em certa sequência temporal; quanto mais fases são concluídas, mas perto se está da culminância da eventualidade, que muitas vezes resultará na criação (ou no desaparecimento) do referente do complemento. Essas escalas convivem com a leitura de maneira trazida por *bem*. Um efeito residual é o sabor expressivo das sentenças de 34 a 37, em que o falante está se comprometendo com uma avaliação do produto do *accomplishment* como algo que emula um padrão de excelência. *Bem* não modifica uma dimensão aspectual do evento, mas uma dimensão de qualidade não propriamente de seu produto, mas de seu processo.

A classe acional dos *achievements* disponibiliza apenas dimensões aspectuais fechadas. Entretanto, a inserção de *bem* em *achievements* é licenciada:

(38) Carlos chegou bem em casa ontem.

(39) O BBB19 não estreou bem.

(40) Fernanda terminou bem sua carreira no cinema.

(41) O mercado financeiro reagiu bem à fala da presidenta.

(42) Eutanásia: uma alternativa para morrer bem.

Todas as eventualidades associadas aos SVs nos exemplos acima continuam sendo télicas, pontuais e gramaticais, após a inserção de *bem*. Novamente, observa-se que escalas quantificacionais, como as aspectuais, não interferem com as qualitativas; daí as dimensões aspectuais de escala fechada não bloquearem a modificação de maneira. Mas esse não é o único ponto relevante da análise de *bem* modificando *achievements*. Um olhar mais atento faz notar que as eventualidades resultantes da modificação por *bem* não são *achievements* típicos. As paráfrases abaixo ajudam a expor isso:

(38') Quando Carlos chegou em casa ontem, estava em perfeito estado.

(39') Quando o BBB19 estreou, não teve excelente audiência.

(40') A atuação de Fernanda quando encerrou sua carreira no cinema foi bem vista.

(41') O mercado financeiro reagiu à fala da presidenta e essa reação foi positiva.

Em 38, por exemplo, o modificador não atua sobre o evento da chegada, mas sobre a qualidade do estado em que Carlos se encontrava no momento da culminância dessa chegada. Dessa forma, *bem* indica que Carlos não sofreu acidentes no percurso, está são e salvo, etc.. Em 39, por exemplo, *bem* modifica o sucesso de público na ocasião da estreia do programa, o estado de ser assistido segundo um elevado padrão de audiência, e não a eventualidade de estrear. Assim, *estrear bem* é estrear de um modo positivo, com sucesso. Também em 40 não é nenhuma propriedade da eventualidade de terminar que é modificada, e sim a apreciação recebida pela qualidade do trabalho final. Finalmente, em 41, a fala da presidenta impacta o mercado que reage instantaneamente a ela; os resultados econômicos dessa reação é que são avaliados como de boa qualidade.

Nesse sentido, *bem* de maneira em *achievements* produz efeitos interpretativos semelhantes ao da predicação secundária⁶, ao preservar as características aspectuais da eventualidade e, adicionalmente, operar sobre um estado que a preceda, que a siga ou que se sobreponha a ela, colocando seu nível de qualidade dentro de um padrão ideal. Vale recordar que certos *achievements* resistem a certas leituras de frequência (*“João sempre chegou”), e que essa leitura é salva pela modificação (“João sempre chegou cedo/tarde”). Certas modificações somam-se às que se encaixam nas propriedades aspectuais de *bem*. Com *achievements*, *bem* não atua sobre o evento principal, mas sobre uma situação preparatória ou resultante, ou sobre um estado opcional, sobreposto temporalmente à coordenada espaço-temporal do *achievement*; entretanto, esse modificador não atua sobre dimensões aspectuais.

É significativo que a modificação por *bem* de maneira acrescente um estado ou uma situação a *achievements*, que, por si, não oferecem material sobre o qual *bem* possa operar. A interpretação de *chegou bem* não apresenta qualquer modificação das propriedades aspectuais do evento de chegada, mas sim avalia um estado que inclui temporalmente sua culminância, comparando-o a um bem-estar prototípico: *chegar bem* é estar são e salvo à chegada; *reagir bem* é abraçar o fato ao qual se reage como benéfico ou propício, etc.. A situação que é comparada (em igualdade) a esses ideais não é uma fase do *achievement* (pois não há fases em *achievements*!), mas é um estado associado semanticamente a uma concepção padronizada da eventualidade denotada pelo *achievement*. Ou seja, a modificação de um *achievement* por *bem* não poderá atuar sobre uma escala quantitativa, apenas sobre uma qualitativa.

⁶ Para mais informações sobre o fenômeno da predicação secundária, remetemos o leitor a Foltran (2002).

Bem de maneira atua sobre escalas qualitativas, e as aspectuais são quantitativas. Por isso *bem* não atua sobre as escalas aspectuais associadas às classes acionais. Ainda assim, verificamos que *bem* necessita de processos sobre os quais operar, não podendo modificar diretamente eventualidades pontuais.

3. Conclusão

Identificamos escalas relacionadas a classes acionais, sobre as quais os modificadores de grau que atuam sobre escalas quantitativas podem operar: frequência (aberta), duração medida (aberta) e progressão para a culminância (fechada). A distribuição de *pouco*, *muito* e *bastante* demonstra que eles selecionam escalas abertas, ao operar sobre sintagmas verbais. A agramaticalidade (pondo de lado SVs inerentemente graduais) de *pouco*, *muito* e *bastante* com estados mostra que essa classe acional não projeta escalas aspectuais, o que está de acordo com a tradição de não considerar estados como eventos de mudança de estado, levando em conta que escalas aspectuais são propriedades de eventos com dinamicidade, que podem ser situados em coordenadas espaçotemporais. Já a agramaticalidade (pondo de lado SVs inerentemente graduais) de *pouco*, *muito* e *bastante* com *accomplishments* e *achievements* indica que os primeiros só apresentam uma escala fechada, a progressão para a culminância, enquanto nos segundos, que apresentam essa mesma escala fechada e uma aberta, a duração medida, o Princípio da Economia Interpretativa bloqueia o acesso à escala aberta em presença de uma fechada.

A distribuição de *bem* não depende diretamente das classes acionais, pois *bem* modifica dimensões qualitativas, e as dimensões aspectuais escalares são quantitativas. Ainda assim, vemos que é bem difícil para qualquer desses modificadores de grau de escala aberta encontrar dimensões para modificar em *achievements*, até mesmo para *bem* de maneira. A dimensão de qualidade que *bem* modifica em *achievements* não é projetada propriamente pela eventualidade dessa classe acional, mas por um estado (ou uma situação) atrelado conceptualmente a ela, o qual pode ser comparado a um padrão ideal de qualidade.

A consistência da interação entre modificadores e SVs enseja algumas conclusões sobre as dimensões de aspecto lexical relevantes para a gramática. A dimensão aspectual de pluralidade vaga de episódios é sempre uma escala aberta, e é encontrada em atividades, *accomplishments* e *achievements*, mas não em estados. A dimensão aspectual de duração medida também não é disponibilizada por estados⁷, mas é encontrada nas classes aspectuais

⁷ Há estados mais resistentes à modificação, como “Brasília é a atual capital do Brasil” (*“Brasília frequentemente é a capital atual do Brasil”, *“(Brasília é bastante a capital atual do Brasil)”), e há outros que podem ser modificados por advérbios de frequência, mas não por modificadores de grau: “O Rio de Janeiro é frequentemente o destino de criminosos em fuga nos filmes americanos” é aceitável, mas *“(O Rio de Janeiro é pouco o destino de criminosos em fuga)”, não. Há estratégias de modificação capazes de gerar em estados leituras de duração (“A Maria morou nesta casa por/durante dez anos”) ou de frequência (“O João raramente está com frio”). Crucialmente, essas leituras não são atestadas para *muito*, *pouco* e *bastante* em estados. Os advérbios aspectuais não fazem todos a mesma operação. Tratando-se operações diferentes, não se espera que advérbios de frequência e modificadores de grau apresentem a mesma distribuição. Há diferenças semânticas estudadas entre, de um lado, advérbios de frequência, como *raramente* e *frequentemente* (advérbios de quantificação em Lewis 1975), e, de outro, modificadores de graus (Kennedy e McNally 2005), como *muito* e *pouco*. Doetjes (2007) distingue as operações feitas por expressões de grau (*beaucoup*) das aplicadas por quantificadores sobre tempo (*souvent*), afirmando que frequência é contagem de eventualidades, mas que quantificadores de grau produzem comparações a partir de escalas. Para Solt

atividade e *accomplishments*. Já a dimensão da progressão para a culminância só é encontrada em *accomplishments* e *achievements*. Também no domínio verbal, o Princípio de Economia Interpretativa é atuante, impedindo os modificadores que selecionam escalas abertas de operar sobre a duração medida de *accomplishments*, por conta de estar também disponível uma escala fechada, a da progressão para a culminância.

Observamos que a divisão em classes acionais proposta por Vendler continua válida, e, quando examinada quanto às suas dimensões aspectuais, revela importante impacto sobre a interface sintaxe-semântica, ao explicar os fatos de distribuição e interpretação de advérbios como *bastante*, *pouco*, *muito* e *bem* (de maneira).

Financiamento: Esta pesquisa foi feita com financiamento do CNPq (bolsa PIBIC) para Ana Carla do Nascimento Gomes.

Referências

- Beavers, J. (2008). Scalar complexity and the structure of events. In J. Dölling, T. Heyde-Zybatow & M. Schäfer (Eds.), *Event structures in linguistic form and interpretation* (pp. 245–265). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Caudal, P., & Nicolas, D. (2005). Types of degrees and types of event structures. In C. Maienborn & A. Wöllstein (Eds.), *Event arguments: Foundations and applications* (pp. 277–300). Berlin: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110913798.277>
- Comrie, B. (1976). *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems* (Vol. 2). Cambridge: Cambridge University Press.
- Davidson, D. (1969). The individuation of events. In N. Rescher (Ed.), *Essays in honor of Carl G. Hempel* (pp. 216–234). Springer, Dordrecht.
- Di Sciullo, A., & Slabakova, R. (2005). Quantification and aspect. In H. Verkuyl, H. de Swart & A. van Hout (Eds.), *Perspectives on aspect – Studies in theoretical psycholinguistics* (Vol. 32, pp. 61–80). Springer, Dordrecht. https://doi.org/10.1007/1-4020-3232-3_4
- Dini, L., & Bertinetto, P. M. (2006). Punctual verbs and the linguistic ontology of events. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, 9, 123–160.
- Doetjes, J. S. (1997). *Quantifiers and selection* (Doctoral dissertation, Rijksuniversiteit te Leiden, Leiden).
- Doetjes, J.S. (2007). Adverbs and quantification: Degrees versus frequency. *Lingua*, 117(4), 685–720. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2006.04.003>
- Dowty, D.R. (1979). *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel.

(2009, pag. 102), *Q-adjectives* (*many*, *much*, *few* e *little*, ‘muito’ e ‘pouco’) são predicados de intervalos de escalas (o equivalente a quantificadores generalizados sobre graus). Modificadores de graus fazem medição de intervalos de escalas monotônicas. Para Rothestein (2008), a diferença aspectual entre estados e atividades está no traço [+estágio]. Só atividades têm estágios (fases). Trata-se de eventualidades com intervalos temporais mínimos, que estão em uma sucessão particular na linha do tempo (em *andar*, o intervalo mínimo é levantar o pé do chão, erguer a perna, avançar e colocar o pé mais adiante). Predicados de intervalo de escalas não encontram material sobre o qual operar em estados, que são completamente homogêneos. A operação de modificadores de grau é a de um sintagma de medição, que se aplica à diferença entre dois pontos e produz uma medida de intervalo. Aspectualmente, a medida diferencial é tirada entre o momento inicial e o da culminância de um evento específico. Como não há dois pontos (o momento inceptivo e o momento final) demarcados lexicalmente pela classe acional estado, não há como medir o intervalo entre seu início e a sua culminância.

- Fleischhauer, J. (2016). *Degree gradation of verbs*. Düsseldorf: Düsseldorf University Press. <https://doi.org/10.1515/9783110720273>
- Foltran, M. J. (2002). Predicados secundários: Restrições semânticas. *Revista Letras*, 58, 265–278. <https://doi.org/10.5380/rel.v58i0.18361>
- Gehrke, B., & Castroviejo, E. (2016). Good manners: On the degree effect of good events. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, 20, 252–269.
- Gomes, A. (2018). Restrições aspectuais à distribuição do advérbio baixo “muito”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 60(1), 198–221. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649885>
- Gomes, A., & Delduque, J. (2019). Um estudo sobre o licenciamento e a interpretação de “pouco” em português do Brasil (PB). *Revista de Estudos da Linguagem*, 27(3), 1489–1530. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.27.3.1489-1530>
- Gomes, A., & Sanchez-Mendes, L. (2015). Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. *ReVEL*, 13(9), 5-32.
- Hay, J., Kennedy, C., & Levin, B. (1999). Scalar structure underlies telicity in degree achievements. *Proceedings of SALT IX*, 127–144. <https://doi.org/10.3765/salt.v9i0.2833>
- Katz, G. (1995). *Stativity, genericity, and temporal reference* (Ph.D. dissertation, University of Rochester, New York).
- Katz, G. (2003). Event arguments, adverb selection, and the Stative Adverb Gap. In E. Lang, C. Maienborn & C. Fabricius-Hansen (Eds.), *Modifying adjuncts* (pp. 455-474). <https://doi.org/10.1515/9783110894646.455>
- Kennedy, C. (2007). Vagueness and grammar: The semantics of relative and absolute gradable adjective. *Linguistics and Philosophy*, 30(1), 1–45. <https://doi.org/10.1007/s10988-006-9008-0>
- Kennedy, C., & McNally, L. (2005). Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, 81(2), 345–381. <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0071>
- Kratzer, A. (1989). Individual-level vs. Stage-level predicates. *Papers on quantification*, 2, 42–45.
- Krifka, M. (1998). The origins of telicity. In S. Rothstein (Ed.), *Events and grammar* (pp. 197-235). Dordrecht: Springer.
- Moens, M. (1987). *Tense, aspect and temporal reference* (Ph.D. dissertation, The University of Edinburgh, Edinburgh).
- Piñón, C. (2007). Aspectual composition with degrees. In L. McNally & C. Kennedy (Eds.), *Adjectives and adverbs: Syntax, semantics and discourse* (pp. 183–219). Oxford: Oxford University Press.
- Rothstein, S. (2004). *Structuring Events: An essay on the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell.
- Rothstein, S. (2008a). Telicity, atomicity and the Vendler classification of verbs. In S. Rothstein (Ed.), *Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect* (pp. 110–43). Amsterdam: John Benjamins.
- Rothstein, S. (2008b). Two puzzles for a theory of lexical aspect: Semelfactives and degree achievements. In J. Dölling, T. Heyde-Zybatow & M. Schäfer (Eds.), *Event structures in linguistic form and interpretation* (pp. 175–198). Berlin: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110925449>
- Sanchez-Mendes, L. (2015). A modificação de grau no domínio verbal em Karitiana: Evidência para escalas indeterminadas. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, 15(1), 125–147. <https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641499>
- Smith, C. (1991). *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer.
- Tescari Neto, A. (2015). Por que advérbios altos não são diagnósticos para o movimento do verbo?. *Linguística*, 31(2), 27–46.
- Vendler, Z. (1957). Verbs and times. *The Philosophical Review*, 66(3), 143–160. <https://doi.org/10.2307/2182371>.
- Verkuyl, H. J. (1993). *A theory of aspectuality – The interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Verkuyl, H. J. (1999). *Aspectual issues – Studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications.

[recebido em 30 de outubro de 2020 e aceite para publicação em 26 de março de 2021]